

VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA OU BUSCA PELA FELICIDADE? UMA LEITURA DE *UM JUDEU NA MINHA CAMA* DE LÍLIA SILVA

Job Lopes*
jobliteratura@hotmail.com
Universidade Estadual de Mato Grosso (UNEMAT)

Resumo: O presente artigo apresenta um estudo sobre a violência psicológica sofrida pela personagem Luana, na obra dramaturgical *Um judeu na minha cama* (1976), da escritora contemporânea Lília Silva. Gad, um empresário bem sucedido e com uma família tradicional, mantém por quase vinte anos um relacionamento com Luana, sua amante, que passa a maior parte da obra isolada em um apartamento, vivendo submissa as ordens e humilhações do parceiro. A cada encontro entre eles, o casal discute os dramas existenciais que permeiam a vida de ambos. A partir desses diálogos, o objetivo é analisar se a busca de Gad em ser feliz, não se torna uma violência psicológica, vivenciada por Luana. O estudo está fundamentado em teorias psicanalíticas e filosóficas alinhadas a Literatura, a partir das teorias de Pierre Bourdieu (2019), Ginzburg (2012), Freud (1986) e Schopenhauer (2005).

Palavras-chave: Violência psicológica. Mulher. Dramaturgia. Felicidade.

1 Introdução

A escritora Lília Aparecida Pereira da Silva, natural de São Paulo, nasceu na cidade de Itapira, em 1926. Possui distintas formações acadêmicas, entre elas, Direito, Psicologia, Jornalismo e Doutorado em Letras: realizado em Nova Iorque pela “World University”, filiada à Universidade de Danzing (Polônia). Lília A. Pereira da

* Doutor em Letras pela UNIOESTE/PR (2018). Mestre em Letras pela UNIOESTE/PR (2014). Com experiência docente na Universidade Estadual de Mato Grosso (UNEMAT) e Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). Colunista de Literatura da Revista Peruana Yachay Planet. Possui dezoito artigos publicados em periódicos da CAPES e Internacionais. Leciona Língua Portuguesa, Língua e Literatura Espanhola e Literatura Brasileira desde 2011. Bolsista da CAPES durante o Doutorado e o Mestrado e Bolsista do PIBIC/CNPq durante a Graduação. Atualmente é integrante dos Grupos de pesquisa: 1. Poéticas do Imaginário e Memória; e 2. Confluências da Ficção, História e Memória na Literatura e nas Diversas Linguagens. Possui título de Especialista em Arte/Educação pela Faculdades Integradas do Vale do Ivaí - UNIVALE (2011) e Graduado em Letras/Português/Espanhol pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (2010). Tem atualmente como áreas de estudo: Literatura Comparada; Literatura de autoria feminina latino-americana; Estudos poéticos e Psicanálise (Jung e Freud).

Silva, iniciou sua trajetória pelo campo dramaturgico em 1968, com a publicação da obra *Juiz Morto*. Em 1976 a autora publica sua segunda e até então, última obra dramaturgica, *Um judeu na minha cama*, obra contemplada para ser estudada nesse artigo. Além de peças teatrais, a escritora possui mais de cem livros publicados, de diversos gêneros literários, poesia, conto, romance e desenhos.

O texto dramaturgico se passa na década de setenta, mais especificamente no ano de 1971, mas apresenta questionamentos que são atemporais. Conforme a autora Lília Silva (1976), buscar a felicidade é um conflito existencial, é falar de um tempo sem marcas, uma vez que o indivíduo nasce e é atingido por esses afetos, dessa forma, o objetivo é analisar os conflitos psicológicos, bem como, filosóficos que se desenvolvem dos personagens Luana e Gad. A violência psicológica abordada nessa leitura, parte da análise dos diálogos que se desenvolvem na obra, da relação afetiva entre Luana e Gad. Dois personagens complexos que discutem os dramas de suas vidas em um relacionamento infiel, por parte do protagonista. A insegurança de Gad em relação ao seu futuro e a ânsia de ser feliz violentam a tranquilidade de Luana, que é humilhada e, ao mesmo tempo, pressionada pelo parceiro, a realizar seus desejos completamente, descartando os seus sentimentos e as suas vontades nessa relação.

A violência psicológica é uma das inúmeras, que as mulheres sofrem cotidianamente, esta é uma das mais difíceis de ser identificada, nem sempre apresenta marcas físicas e vestígios concretos, ela ocorre verbalmente, pelos gestos, olhares e principalmente as palavras. Porém, o dano psicológico pode ser muito maior que uma violência física. Por se apresentar silenciosa, ela é vista como insignificante, podendo ser inclusive subjugada.

A obra *Um judeu na minha cama*, aborda em diversas passagens a violência psicológica a qual a protagonista é acometida pelo agressor Gad. Para um leitor desatento, ela pode ser vista como uma angústia, uma ansiedade, uma discussão de casal. Mas, ao se analisar cada fala e como esse discurso reage no receptor, passam-se a ter inúmeras evidências de que o agressor comete uma tortura psicológica constantemente com sua vítima.

2 Uma mente violentada

O primeiro ato da peça de teatro se inicia com um diálogo entre os personagens Gad e Luana, a escritora manifesta, por meio da protagonista o início de uma violência psicológica, que a personagem irá sofrer, ao longo de duzentas páginas da obra, “Gad – Você gosta mesmo de mim? E se sente mais feliz agora? Luana – Claro que me sinto mais feliz. Mas dizem que a felicidade duradoura é conceito dos medíocres...” (Silva, 1997, p. 17). Analisa-se, que Luana é uma mulher consciente em relação à jornada humana, assim ela contempla os poucos momentos felizes ao lado de Gad, mas é ciente de que a felicidade não é um estado permanente na sua vida.

Luana representa um posicionamento crítico para as mulheres da década de setenta, que questiona os seus atos e as ações que ocorrem com ela, o Espírito artista de sua formação, corrobora para o seu comportamento, mas ela é também exemplo, de coragem, determinação e inquietude diante das problemáticas interiores. Luana tem consciência da violência a qual é atingida, pelas discussões e humilhações com Gad, porém ela não consegue se desprender desse relacionamento doentio, acreditando em uma nova perspectiva de vida ao lado do parceiro. O trecho a seguir expressa o sofrimento da protagonista,

Luana – Eu senti que realmente cheguei a uma encruzilhada: ou resistirei soberanamente a todo esse drama em minha vida, ou adoecerei dos nervos, sem entender que a moléstia dele passou para mim. Pondere comigo, Mayla: qual pode ser o caminho de uma mulher que se apegou a um homem casado a não ser o próprio sofrimento? E por que mais esse destino para mim? Eu não gostaria de, em síntese, voltar a refletir que a convivência apodrece o mais puro sentimento (Silva, 1997, p. 142).

Em um diálogo com sua amiga Mayla, surgem vocábulos como: encruzilhada; drama; adoecerei; nervos; moléstia; sofrimento; apodrece, todos eles sinalizam a condição a qual Luana está vivendo, uma relação doentia que vai silenciosamente a matando. Observam-se em várias passagens da obra, o entendimento da protagonista em relação ao seu sofrimento e a pressão à qual é acometida, “Luana – E só uma louca aceitaria o pão e o perfume, sofrendo como sofro. Só uma louca – repito – principalmente tratando-se de uma artista como eu, capacitada a grande sofrimento pelo mínimo cutucãozinho” (Silva, 1997, p. 147). O trecho apresenta repetidamente o termo “louca”, o que demonstra como a vida da personagem estava emocionalmente caótica, causada pelo seu relacionamento, analisa-se também “sofro”, “sofrimento”,

indicando o nível de desespero que ela se encontrava, um ápice de sentimentos que se tornavam frequentes em seu cotidiano.

A obra dramaturgica é de 1968, abordando os costumes e comportamentos da época. O que se busca ao refletir a Lei de 2021, é problematizar como inúmeras atitudes na década de sessenta e setenta, eram naturalizadas pelo contexto social e atualmente, algumas foram transcendidas por diversas lutas sociais. A Lei nº 14.188, de 29 de julho de 2021, incluiu no Código Penal, o crime de violência psicológica contra mulher. Trata-se do artigo 147–B do Código Penal. Tal modalidade de violência já era prevista na Lei Maria da Penha (LMP), mas ainda não havia sido detalhadamente tipificada. Em seu artigo 5º, a referida lei assevera que para seus efeitos, a violência psicológica configura violência contra a mulher. Prosseguindo, em seu segundo capítulo, art. 7º, III, a Lei Maria da Penha dispõe que para seus efeitos:

Art. 7º São formas de violência doméstica e familiar contra a mulher, entre outras: [...] II- A violência psicológica, entendida como qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, violação de sua intimidade, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação. [...] (Brasil, 2006).

A violência psicológica sofrida por Luana na obra *Um judeu na minha cama*, ocorre em inúmeros momentos, que se dissipam da relação entre ela e o amante. Ela é humilhada por não ser financeiramente independente como o parceiro, é ridicularizada por não ter um trabalho formal como artista, é manipulada por Gad, que promete se separar da esposa e tem o seu direito de ir e vir: limitado, uma vez que ela passa grande parte do seu tempo, trancada em um quarto, tendo sua liberdade privada, em prol do ciúme do amante. Segundo Soares (2005), a violência psicológica provoca inúmeras consequências na vida das vítimas. Esse processo começa sutil com desentendimentos, vozes alteradas, opressões e vai progredindo para humilhações, brigas e ofensas. Nesse contexto, a violência não possui marcas físicas, as feridas são mentais, o sofrimento afeta a autoestima, apresentando efeitos negativos na saúde mental da mesma.

De acordo com a Lei nº14.188, de 29 de Julho, de 2021, artigo 147–B do Código Penal, são sete os verbos que norteiam o tipo penal, agora em vigor: 1-*ameaçar*,

que consiste na promessa de causar mal injusto e grave; 2- *constranger*, que significa tentar impedir de realizar algo que a lei não proíbe; 3- *humilhar*, que significa depreciar, rebaixar; 4- *isolar*, que consiste em deixar a pessoa só, sem parentes ou amigas, sem apoio; 5- *manipular*, que é interferir na vontade de outrem, obrigando-a a fazer o que não gostaria; 6- *chantagear*, que consiste em proferir ameaças perturbadoras; 7- *ridicularizar*, que significa submeter à zombaria; e 8- *limitar o direito de ir e vir*, que significa impedir a livre locomoção ou encarcerar.

O que faz a protagonista permanecer durante anos sendo violentada psicologicamente, é depender financeiramente do amante e acreditar que ele pode evoluir como ser humano, que ele possa ser um homem melhor, mas assim consciente de sua condição melancólica, ela vai permanecendo em uma relação abusiva, na qual é a maior prejudicada. Em uma cena, a empregada Ucha argumenta, “Já estive em muitas casas, mas a patroa que mais sofre que vi, foi a senhora. E não só a patroa. Nunca vi ninguém sofrendo tanto!” (Silva, 1997, p. 148). A violência psicológica sofrida por Luana é visível para todos que estão próximos, a amiga por cartas e a empregada pelos arredores, conseguem observar o desgaste emocional sofrido por ela.

O termo violência psicológica doméstica foi cunhado no seio da literatura feminista como parte da luta das mulheres para tornar pública a violência cotidianamente sofrida por elas na vida familiar privada. O movimento político-social que, pela primeira vez, chamou a atenção para o fenômeno da violência contra a mulher praticada por seu parceiro, iniciou-se em 1971, na Inglaterra, tendo sido seu marco fundamental a criação da primeira "CASA ABRIGO" para mulheres espancadas, iniciativa essa que se espalhou por toda a Europa e Estados Unidos (meados da década de 1970), alcançando o Brasil na década de 1980 (Azevedo; Guerra, 2005, p. 25).

O termo aparece na mesma década de publicação da obra dramaturgica aqui estudada, fruto de uma escritora, buscando o seu espaço literário e social. As cenas entre os personagens apresentam as características de uma dramática relação amorosa, entre reflexões filosóficas e discussões conjugais, a violência psicológica aparece como terceira via de uma relação pérfida e decadente, que sobrevive da tentativa de ambos em recuperar sentimentos que não prevalecem. De uma juventude pobre, a protagonista reconhece as mazelas da vida, enquanto Gad, é de uma cultura judaica tradicionalista e casado com uma mulher de posses, ao contrário de Luana, nunca sofreu com privações financeiras.

De acordo com Pierre Bourdieu (2019), a contemporaneidade constitui relações sociais que são entrelaçadas pela dominação masculina e pela submissão feminina, o que reverbera uma violência dos homens, às vezes imperceptível. A violência masculina sobre a feminina pode se dar tanto de forma verbal, psicológica, física, quanto simbólica, sendo ela consciente ou inconsciente. A violência simbólica é efetivada, sobretudo, por meio de palavras e pode contar, inclusive, com a cumplicidade inconsciente das mulheres. Ela está pautada em comportamentos historicamente reforçados e enaltecidos, o que leva o sujeito a se posicionar no espaço social segundo critérios e padrões do discurso dominante.

A dominação masculina, segundo Bourdieu (2019), é composta por todos os elementos históricos e sociais necessários para o seu funcionamento. O termo *simbólico*, no caso da dominação masculina, busca esclarecer que esta é tanto ofensiva e perigosa quanto a violência física, pois é tão intensa e agressiva, que não requer justificativa, ela já se consolida como uma predisposição natural do indivíduo. O poder simbólico é construído, por isso não existe culpabilização da vítima, já que devido a essa construção estrutural, a mulher acaba se moldando e se posicionando de forma que reitera sua submissão, ainda que não seja intencional, uma vez que se forma a partir da conjuntura social e dos discursos que ressoam o que é uma mulher respeitável, admirável e exemplar, na qual ela procura se enquadrar nesse perfil. Observa-se, a seguir uma melancólica reflexão da personagem,

Luana – Vai dar uma de moral agora? O mundo é tão podre que a gente vai sentindo o próprio físico também apodrecendo para acompanhá-lo. E tudo o que não é podre é utopia. É por isso que ando sentindo tanta novidade em minha saúde... Minhas reflexões abalaram-me muito estes dias. Perdi três quilos; não sinto sono e nem fome.

Gad – Mas você acordou, princesa adormecida...

Luana – Sempre fui sonâmbula.

Gad – E o que resta de mim?

Luana – E de mim?

Gad – A mesma Luana de sempre!

Luana – Não!... (Silva, 1997, p. 155-156).

A cena manifesta um discurso melancólico de Luana e até mesmo desesperançoso em relação à existência. Marcas causadas pelo relacionamento torturante e tóxico, a violência causada pelo amante é muito maior que física, pois ela é mental e vai destruindo aos poucos a autoestima, a sanidade e até mesmo as condições físicas da personagem. Quando ela expressa, que o mundo é podre e que

os sujeitos vão apodrecendo para tentar acompanhá-lo, a protagonista expressa uma crítica sobre seu relacionamento.

A melancolia, não é somente uma característica de *Um judeu na minha cama*, ela se expressa constantemente em inúmeras e distintas obras literárias, uma manifestação sentimental que é apontada no caráter psicológico de vários personagens ficcionais. A melancolia também é uma categoria que Ginzburg (2012), aborda da Psicanálise para refletir a relação entre literatura e sociedade ou literatura e violência,

O comportamento melancólico é caracterizado por um mal-estar com relação à realidade. Para ilustrar, é como se o sujeito se voltasse indignado: “como pôde me apresentar alguém para amar e depois tirar de mim?”. A realidade é observada como um campo de desencantamento e desconfiança. Contemplativo, o sujeito não se conforma com a perda. Embora objetivamente possa ter sido informado do que ocorreu, não aceita a situação, sendo seu objeto de amor insubstituível por qualquer outro (Ginzburg, 2012, p. 12).

Essa melancolia descrita por Ginzburg (2012) pode ser analisada no comportamento da protagonista, uma mulher amargurada por não ter se realizado profissionalmente e muito menos no campo sentimental. A indignação da personagem está na sua incompletude, nas ações não concluídas em sua vida. O trecho a seguir apresenta um desabafo, “Luana – Faz trinta anos que sofro sem parar, um desencontro atrás do outro, e ainda luto por dinheiro, como se não bastasse essa disparidade sentimental” (Silva, 1997, p. 134). Aos seus quarenta anos, ela luta diariamente por uma vida melhor e mais amena, porém o que corrobora para o seu sofrimento diário é a violência mental que Gad a causa, uma violência velada, contínua e que se constitui por pequenas ações, que vão gerando feridas emocionais, que não se cicatrizam.

A vida ao lado do parceiro é angustiante e nem o dinheiro do amante consegue suprir a tristeza que ele causa. “Luana – É cômodo pensar assim. Quando você está comigo, torna o ambiente pesado. Virou maníaco de queixas” (Silva, 1997, p. 23). A presença de Gad é pesada, o que significa que não há mais prazer para ela, em estar com o parceiro. O que era regozijo se tornou melancolia e sofrimento. A violência por mais que não seja visível, já está acontecendo com a vítima, ela perde a alegria diante do companheiro, ela se oprime pelas reclamações e por consequência perde a autoestima.

O que torna o ser humano motivado em suas ações, são os seus objetivos íntimos, vontades que nunca cessam, pois são eles os pilares que sustentam a vida. A ausência de metas a realizar, torna o homem um ser vagante no universo, como um objeto inerte sem vitalidade e estímulos que o façam feliz. Dessa forma, entende-se que a felicidade segundo a autora Lília Silva (1997), está no percurso da existência, ou seja, na busca pela realização e no prazer de satisfazê-lo. Abaixo mais uma reflexão de Luana em relação ao ato de ser feliz,

[...] Nossa frustração vai se acumulando no subconsciente e conservamos sempre uma ilusão de encontrarmos o perfeito. Então, nem que ela não nos traga JAMAIS FELICIDADE, empenhamo-nos de corpo e alma a realizá-la. E também tenho aprendido que tudo se sedimenta no tempo (Silva, 1997, p. 184).

Luana passa por inúmeras frustrações e vivencia uma constante violência psicológica por parte de seu companheiro. O acúmulo dessas decepções vai se alojando em seu inconsciente e causando grande melancolia, o que a deixa cada vez mais sem vontade de viver. Identificam-se, no trecho da obra, escrito em letras maiúsculas, às palavras “JAMAIS FELICIDADE”, esse recurso utilizado pela escritora configura um sentimento de descrença que se caracteriza fortemente. Em relação à melancolia,

Dentro desta perspectiva, ela consiste em um resultado de uma perda (e, nesse aspecto, aproxima-se do luto). Uma perda afetiva – que pode ser a morte de uma pessoa amada, namorado(a), esposo(a), filho(a), pai ou mãe – envolvendo um afeto central para a vida do sujeito. Essa perda pode ser também a morte de um grupo de pessoas, o desaparecimento de um período de tempo que não volta – como a infância, na perspectiva de um adulto –, de uma situação afetiva. Ou o afastamento de pessoa(s), ou o distanciamento de um lugar (Ginzburg, 2012b, p. 11-12).

No caso do romance em análise, a protagonista se sente melancólica à medida que sua vida se torna uma prisão de desamores. Vivendo isolada em um quarto e olhando sua vida passar, sem tomar uma atitude, ela vai se frustrando com suas ideias não concretizadas, seus sentimentos por seu amante se findando e uma pressão constante por corresponder aos desejos e prazeres de Gad. Luana, diferentemente do judeu, sofre mais por toda uma existência insatisfeita, enquanto ele, vive a melancolia apenas de um relacionamento frustrado. “Luana – O pensamento é sempre nosso, Gad. DEMAIS nosso. Em todo o resto, tentamos também a liberdade. É o mais

gostoso caramelo do século. Gad – Liberdade é palavra feliz ou triste? Tantas vezes somos livres e solitários!” (Silva, 1997, p. 21). A protagonista tem uma ideologia mais realista em relação à liberdade, segundo ela, o indivíduo é responsável pelo que pensa, logo por suas ações e atos. Dessa forma, a liberdade está nas tentativas do homem de se realizar.

A vida da personagem se torna tão reduzida ao quarto que até o seu amante a associa com o cômodo. Entre quatro paredes ela se isola do mundo e por sua vez, dos problemas que habita ele, uma tentativa de rejeitar suas fraturas e ignorar as incertezas que ameaçam o homem. No quarto ela pode viver como suas representações e também se esconder de uma sociedade que a condena. Pode se observar que grande parte da ação do teatro se passa no espaço do quarto, onde Luana e Gad refletem sobre suas vidas, esse cenário ocluso se remete a angústia como um afeto que vai sufocando aos poucos e afunilando a existência. Sobre esta divisão da casa,

A visão dominante da divisão sexual exprime-se nos discursos tais como os ditados, os provérbios, os enigmas, os cantos, os poemas ou nas representações gráficas tais como as decorações murais, os motivos das cerâmicas ou dos tecidos. Mas ela se exprime igualmente bem nos objetos técnicos ou nas práticas: por exemplo na estrutura do espaço, e em particular nas divisões interiores da casa ou na oposição entre a casa e o campo, ou ainda na organização do tempo, da jornada ou do ano agrário, e, mais amplamente, em todas as práticas, quase sempre ao mesmo tempo técnicas e rituais, e muito especialmente nas técnicas do corpo, posturas, maneiras, porte (Bourdieu, 2019, p. 137).

Valendo-se das teorias de Bourdieu (2019), o espaço da mulher é reduzido ao espaço da casa. É nesse espaço que ela atua ativamente, onde em alguns casos, tem voz e visibilidade. A simbologia do lar de acordo com o autor, está relacionada a casa, onde a mulher deve permanecer ou passar grande parte da sua jornada. O mesmo ocorre com a esposa de Gad, que permanece sempre na sua residência com os filhos. Enquanto ele é o único que pode transitar por diversos lugares, principalmente a “rua”. Na peça teatral, o ambiente é ainda mais restrito e menor, o espaço da personagem feminina é o quarto, uma vez que o amante teme, que a empregada ao circular pelos demais espaços, possa ter acesso às conversas dele com Luana.

3 O agressor na busca pela felicidade

O que será analisado é como o personagem de Gad compreende a felicidade, e se essa vontade de ser feliz, não se torna uma violência psicológica contra Luana. Schopenhauer (2005), em seus estudos, compreende que o indivíduo não é um ser destinado a ser feliz. O homem nasce para aprender a lidar com os percalços da vida, ou melhor, com os sofrimentos e aflições que o assolam. Vivenciar essas tristezas é consequência natural da vida humana, sendo assim, cabe ao sujeito se preparar existencialmente para suportar as dores da alma. Luana consciente dessa ideologia tenta dialogar com Gad, mostrando para o parceiro que a vida não é necessariamente uma jornada para se deleitar inteiramente de prazer, mas uma travessia composta por etapas, aonde há fases boas e outras ruins.

Segundo as teorias de Schopenhauer (2005), dois conflitos antagônicos e preponderantes devem ser refletidos: o primeiro diz respeito à busca cega e solitária do homem pela felicidade, como forma de autoafirmação da vontade. O segundo se opõe a este, pois se refere ao destino que impõe o sofrimento aos indivíduos, o que é um dos princípios da autonegação da vontade de viver. O empresário é movido pela vontade de ser feliz, algo comum para os indivíduos, e nesta busca ele deixa de se preocupar com bens vitais para viver,

É difícil conceber como que alguém pode [...] ser persuadido de que [...] o homem exista para ser feliz. Pelo contrário, estas decepções e desilusões contínuas, como a natureza geral da vida, apresentam-se como que destinadas e calculadas para despertar a nossa convicção de que [...] a vida é uma empresa que não cobre os seus custos; e que a nossa vontade deveria virar as costas para ela (Schopenhauer, 2005, p. 411-438).

Para o filósofo, “Tudo na vida proclama que a felicidade terrena está destinada a ser frustrada, ou reconhecida como uma ilusão. Os fundamentos disto dormem nas profundezas da natureza das coisas” (Schopenhauer, 2005, p. 411). Aparentemente as palavras do filósofo podem ecoar pessimistas, mas ao analisar as condições sociais e psíquicas dos indivíduos, pode-se depreender que a cosmologia na qual os seres estão inseridos não corrobora para um sistema harmônico.

De acordo com os estudos freudianos, “[Os homens] buscam a felicidade, querem se tornar e permanecer felizes” (Freud, 2010, p. 29). Uma busca imanente à humanidade, todos desejam ser felizes, se sentir realizados e plenos. Um sentimento que transcende as fronteiras culturais e sociais e não depende do nível financeiro, pois está constituída de forma distinta em cada ser. Para a protagonista, acreditar na

felicidade plena é romantizar uma ideia impossível e viver buscando, é uma utopia. Já Gad apresenta uma visão oposta à da amante, ele busca obcecadamente a felicidade e projeta em sua amante essa realização. Ele tortura a protagonista, buscando uma realização que não depende somente dela, as cobranças, acusações, exigências culminadas em discussões frequentes, causam em Luana, uma violência psicológica em razão de suprir sentimentos de Gad, que ela não os detém,

Luana – O que é grande para você?

Gad – A ilusão de eu ser feliz. É por isso que você é “grande” e eu a compro. Tem o corpo e eu, o dinheiro. E ai juntaram-se a coisa mais bela e a mais triste. Quem é mais “nada”, eu ou você? O pior é que não posso conviver com seu mundo diuturnamente, porque faço parte desse mundo covarde que não enfrenta a sociedade (Silva, 1997, p. 19).

O diálogo acima manifesta o imenso desejo do judeu em ser feliz. O personagem apresenta uma ideia reflexiva sobre a felicidade, pois ele sabe que vivê-la constantemente é uma ilusão. Porém, não consegue deixar de lado a busca por esse sentimento, que se resume em torturar psicologicamente sua amante “Luana”. No entanto, a felicidade não pode ser comprada como o protagonista diz, “você é “grande” e eu a compro. Tem o corpo e eu, o dinheiro” (Silva, 1997, p. 19). Gad, equivocadamente, acha que compra a amante, almejando em troca obter a felicidade, ele acredita que afetos podem ser comprados e assim causa na protagonista, traumas afetivos e psicológicos.

Em um dos trechos, Gad argumenta, “– Tudo isso é realidade. Nada mais que ela. E a realidade fere” (Silva, 1997, p. 154). O agressor busca incansavelmente ser feliz e usa isso, como forma de camuflar suas atitudes perversas com Luana. Isso ocorre porque a felicidade em sua plenitude se encontra em um plano ideal, dos sonhos, enquanto a realidade é lóbrega, “fere” nas palavras do personagem. Para Schopenhauer, “A felicidade comparativa é geralmente apenas aparente, ou então, como a longevidade, uma exceção. A sua própria possibilidade deveria ser abandonada, como um mero chamariz [...]” (2005, p. 238). A felicidade não pode ser mensurada ou comparada com as demais existências, pois cada um é feliz de uma determinada forma, que talvez não seja felicidade para o “Outro”. Alguns compreendem que ser feliz está relacionado ao amor, já para outros ao dinheiro, enquanto uns se sentem felizes viajando, ganhando um jogo, dançando uma música, dessa forma não há como compará-la.

Nós sentimos dor, mas não sentimos a falta de dor; sentimos a preocupação, mas não a falta de preocupação; sentimos o medo, mas não a segurança. Nós sentimos o desejo, como sentimos a fome e a sede; mas tão logo ele é satisfeito, ocorre o mesmo que com o bocado de comida: no instante em que é devorado, desaparece aos nossos sentimentos [...]. Por isto, nós não somos conscientes dos três maiores bens da vida – a saúde, a juventude e a liberdade – quando os possuímos, mas somente depois de perdê-los: pois também eles são meras negações [...]. As horas se vão mais rápido quanto mais prazenteiras são; e mais devagar quanto mais penosas: isto porque a dor, e não o prazer é positiva e faz o seu presente sensível. Do mesmo modo, com o tédio nos tornamos conscientes do tempo, com o divertimento e o passatempo não. Ambos os casos demonstram que a nossa existência alcança o máximo de felicidade quando a sentimos o mínimo possível: disto se segue que o melhor seria não possuir a existência (Schopenhauer, 2005, p. 575).

A felicidade se manifesta de forma distinta para cada ser humano e vivenciá-la intensamente na brevidade do seu tempo é também uma maneira de ser feliz. Quanto maior é o prazer, mais rápida será a duração desse êxtase e se o deleite for duradouro, o seu fim também será mais melancólico. O homem muitas vezes não tem consciência da sua passagem pela terra, acredita na longevidade e esquece de que estar saudável e ter liberdade também são estados de felicidade, pois não tê-las seria um intenso sofrimento.

Os indivíduos são condicionados a buscar aquilo que não possui, a desejar o que é proibido e a cobiçar o que há de melhor. Essas características são imanentes ao homem desde o seu nascimento, “onde existe uma proibição tem de haver um desejo subjacente” (Freud, 1986, p. 129). Tudo que não está ao alcance do sujeito passa a ser almejado por ele, assim, a felicidade também torna-se um desejo permanente. O que justifica a persistência de Gad em continuar sua relação com Luana.

A obsessão do personagem em ser feliz com a amante, causa na protagonista uma grande melancolia, Luana é preterida pelo parceiro e também se torna “provedora da sua felicidade”, como se ela pudesse proporcionar a ele, esse sentimento complexo e imenso, capaz de preencher todas as lacunas de seus desejos. Ela se torna uma vítima, dos desajustes psicológicos do protagonista, a situação a coloca como uma escrava afetiva, que deve realizar plenamente o seu amor, em seus desejos e prazeres. Segundo o artigo 147 – B do Código Penal,

Art. 147-B Causar dano emocional à mulher que a prejudique e perturbe seu pleno desenvolvimento ou que vise a degradar ou a controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, chantagem, ridicularização, limitação

do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que cause prejuízo à sua saúde psicológica e autodeterminação. Pena - reclusão, de 6 (seis) meses a 2 (dois) anos, e multa, se a conduta não constitui crime mais grave (Brasil, 2021).

A partir da Lei nº 14.188/2021, que passou a vigorar mais de cinquenta anos após a publicação da obra de Lília Silva, entende-se, que o dano emocional e seus diversos desdobramentos, causam feridas iguais ou maiores que de uma violência física. Talvez, por ser um sofrimento sem marcas visíveis, grande parte da sociedade a considere, uma violência menor, mas, para vítima as consequências são dolorosas e até mortais, podendo levar ao suicídio. Para os anos setenta, período que a história dramática se passa, Gad não tem noção da violência psicológica que ele provoca na amante, e o contexto social da época não corrobora para isso, o que intensifica suas ações negativas.

O protagonista vive a infelicidade de um casamento decadente e de uma amante reativa. Ele busca fugir da desilusão do matrimônio para encontrar na relação adúltera, a tranquilidade, o prazer e a felicidade. No entanto, ao se deparar com um segundo relacionamento frustrado, ele passa a cobrar de Luana, que dê a ele, a realização que almeja. E como ela não é provedora da felicidade e não pode fazê-lo feliz, ele começa uma agressão velada, dia após dia, pressionando, humilhando e a maltratando para que ela de alguma forma, tente corresponder aos seus desejos.

Freud (2010), em sua obra *A interpretação dos sonhos*, elaborou uma definição de desejo relacionada à ideia de realização. Para o psicanalista, o desejo é uma força motivada pela mente. E dessa forma, não há um desejo, mas múltiplos alojados no inconsciente. E estes desejos podem emergir na infância e perdurar por toda a vida ou simplesmente se desfazer com o tempo. O retorno dessa vontade se dá pelos sonhos, pela memória ou por similaridades de detalhes.

Diante de uma busca ilusória e interminável, o agressor vai se cansando e ao mesmo tempo se convencendo de sua infelicidade, “Gad – Você é uma fria. Este cômodo é frio. Esta casa é fria. Nada mais tenho a procurar, nem meus próprios sonhos, porque eles não se realizam” (Silva, 1997, p. 94). O personagem se frustra por não realizar seus desejos e culpabiliza Luana, por essa impossibilidade, logo, ele se depara com a realidade, na qual os anseios não são inteiramente realizados. No plano real, o homem vivencia mais projetos, expectativas, vontades, do que, propriamente a contemplação desses desejos, enquanto no plano imaginário, tudo está propenso a se realizar a qualquer momento.

Enfrentar obstáculos e ser derrotado, chorar com o sofrimento, sentir saudades, se angustiar de remorso são falhas inevitáveis para o amadurecimento humano, é a etapa que antecede a aprendizagem. Segundo Schopenhauer (2005) a infelicidade é a norma, já a felicidade é a exceção. Ser feliz é algo raro, pois o sofrimento se confunde com a essência da vida. O sofrer está presente tanto na inteligência superior quanto na mediocridade do homem como consequência da privação, da necessidade e da preocupação com a manutenção da vida.

De acordo com Schopenhauer (2005), o mundo se apresenta com milhares de indivíduos em diferentes espaços e com inúmeras dores. Segundo o filósofo, a responsável por esse sofrimento é a “vontade”, sentimento que resulta em um desejo insaciável, o que corresponde à ânsia do ser humano em tentar realizar seus objetivos incansavelmente. Movido pela vontade o homem constantemente se encontra buscando algo, no caso da obra dramatúrgica, Gad sempre está querendo ser feliz e exige isso da amante. Segundo Schopenhauer (2005), desejando a aparência e consumindo-a, o homem passa a ser consumido pelo vazio existencial e pelo tédio, dos quais ele não escapa se não conseguir desfazer-se dos seus interesses individuais e do egoísmo.

Entre querer e alcançar flui sem cessar toda vida humana. O desejo, por sua própria natureza, é dor; já a satisfação logo provoca saciedade: o fim fora apenas aparente: a posse elimina a excitação, porém o desejo, a necessidade aparece em nova figura (Schopenhauer, 2005, p. 404).

O desejo de Gad por Luana resulta em dor, sofrimento causado por uma satisfação plena, que não pode ser contemplada. Ainda que o empresário se separe de sua esposa, a vida com a amante não seria repleta de felicidade, pois a posse eliminaria a excitação, o que levaria à saciedade em ter a amante diariamente ao seu dispor. Este movimento da violência é sutil e, muitas vezes, imperceptível para ambos - agressor e vítima - e, com frequência, a vítima tende a justificar o padrão de comportamento de seu agressor, o que a torna, de certa forma, *conivente* com ele.

4 Considerações finais

Luana é uma personagem que se caracteriza por sua angústia e racionalidade, mas também, pela forma melancólica de viver. A protagonista se distingue das mulheres da década de setenta, não constitui uma família e o que se refere ao campo

profissional, ela sonhava em ser uma artista, porém pela falta de dinheiro, jamais conseguiu levar a diante suas pretensões. Fatores que a levam a se prender ao amante Gad, embora não o ame, ela acredita na possibilidade de ele mudar, o que culmina em ridicularizações, ameaças, isolamento, chantagens, limitações, manipulação e humilhações, ou seja, dos sete verbos constantes no Código Penal, artigo 147-B, que criminaliza a violência psicológica, Luana sofre todos eles ao longo da obra.

A busca obsessiva de Gad pela felicidade desencadeia questionamentos existenciais e indagações que ele tenta resolver no relacionamento com Luana. Essas inquietações do agressor camuflam a violência psicológica que ele causa em sua parceira. Ele cobra dela ser feliz e como não alcança resultados satisfatórios, Gad passa a humilhar, depreciar, isolar e oprimir Luana em discursos machistas, propagados com a finalidade de causar dor, sofrimento e tornar a parceira culpada pela sua infelicidade.

O texto dramático de Lília Silva, constrói dois personagens ambíguos, que representam duas perspectivas distintas de vida, que são discutidas no artigo, a partir das teorias de Pierre Bourdieu (2019), Ginzburg (2012), o filósofo Arthur Schopenhauer (2005) e pelo psicanalista Sigmund Freud (2010/1986), respaldando-se em leis. Gad representa a busca cega pela felicidade, tentando de todas as formas se realizar na amante. Já a protagonista Luana, representa a vítima de uma relação falida, uma vez que não acredita na felicidade e tem consciência da violência psicológica que sofre, por esta razão, ainda que infeliz, ela permanece com Gad, por acreditar em uma mudança e não ter autonomia financeira.

A condição de Luana em permanecer com Gad reflete também a condição de inúmeras mulheres, que mesmo sofrendo violência doméstica, sexual ou psicológica, permanecem com os seus parceiros por diversos motivos, nos quais não conseguem se desvencilhar sozinhas, sem ajuda jurídica, médica ou familiar. O estudo aqui realizado apresenta uma análise de discursos e comportamentos de personagens literários, que levam a protagonista sofrer violência psicológica, diálogos que refletem a vivência de diversas mulheres, nas quais, muitas vezes não tem consciência do que pode ser considerado violência ou não.

PSYCHOLOGICAL VIOLENCE OR THE PURSUIT OF HAPPINESS? A READING OF *UM JUDEU NA MINHA CAMA* BY LÍLIA SILVA

Abstract: This article presents a study on the psychological violence suffered by the character Luana, in the dramaturgical book *Um Judeu na minha cama* (1976), by contemporary writer Lília Silva. Gad, a successful businessman with a traditional family, has been in a relationship for almost twenty years with Luana, his lover, who spends most of the work isolated in an apartment, living submissively to her partner's orders and humiliation. At each meeting between them, the couple discusses the existential dramas that occur in both their lives. From these dialogues, the objective is to analyze whether Gad's quest to be happy does not become psychological violence, experienced by Luana. Literary study is based on psychoanalytic and philosophical theories aligned with Literature, based on the theories of Pierre Bourdieu (2019), Ginzburg (2012), Freud (1986) and Schopenhauer (2005).

Keywords: Psychological violence. Woman. Dramaturgy. Happiness.

Referências

AZEVEDO, Maria Amélia Nogueira; GUERRA, Viviane Azevedo. *Violência psicológica doméstica: vozes da juventude*. São Paulo: Laci - Laboratório de Estudos da Criança/PSA/IPUSP, 2001.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Trad. de Maria Helena Kühner. 2.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.

BRASIL. Lei nº 11.340, de 07 de agosto de 2006. *Lei Maria da Penha*. Diário Oficial da União, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm. Acesso em: 20 mar. 2023.

GINZBURG, Jaime. *Crítica em tempos de violência*. São Paulo: Edusp, 2012.

GINZBURG, Jaime. *Literatura, violência e melancolia*. São Paulo: Autores Associados, 2012.

FREUD, Sigmund. (1900) A interpretação dos sonhos. In: *Obras Completas*. V.18 Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. (1933) Novas conferências introdutórias à psicanálise. In: *Obras Completas*. V.18 Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. (1914). Sobre o narcisismo: uma introdução. In: *Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. Trad. Jair Barboza. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

SILVA, Lília A. Pereira da. *Um judeu na minha cama*. São Paulo: João Scortecci, 1997.

SOARES, Bárbara Musumeci. *Mulheres Invisíveis: violência conjugal e novas políticas de segurança*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

Recebido em 07/04/2023

Aceito em 27/11/2023

Publicado em 30/11/2023